

O material vinha das zonas libertadas

— Coronel Moiane, 1.º Director da revista durante a Luta Armada

por Albano Naroromele

Participar na Luta Armada de Libertação Nacional foi um privilégio único. Nesse processo, porém, houve acontecimentos ainda mais singulares que, juntamente com nomes de certos combatentes, tornaram-se marcos indelévels na história da libertação de um povo. A revista militar «25 de Setembro» e o Coronel Dinis André Moiane são um exemplo feliz, sobretudo quando evocados em vésperas da criação da Associação dos Combatentes da guerra de libertação.

O Coronel Moiane é um indivíduo que está sempre bem disposto, e vale-se do seu físico envol-



Entre jovens, até era divertido mostrar que a gente sabia escrever — diz o nosso entrevistado, acrescentando: — Porém, acabámos por compreender que o importante era a ideia expressa e não o português empregue

vente para convidar a todos a não se preocupar nunca. Achou fenomenal a ideia de falarmos sobre a revista de que foi o primeiro Director, tarefa honrosa mas nada fácil, porque aquela publicação surgiu em plena guerra pela liberdade.

Ele começa por fazer um histórico sucinto da Imprensa da FRELIMO antes da criação da «25 de Setembro», revista dos soldados: Ela estava dividida em duas partes. O boletim «Voz da Revolução», que era editado em português, francês e inglês. Tinha como objectivo informar o mundo sobre a Luta de Libertação em Moçambique, para combater, internacionalmente, as intrigas e a desinformação do inimigo.

De acordo com o Coronel, «Voz da Revolução» também inseria artigos de formação ideológica dos combatentes e de levantamento de problemas culturais. Era difícil, recorda-se Moiane, recolher o material necessário a esta função do boletim, porque só começámos a ter matéria para o trabalho de informação quando criámos as Zonas Libertadas.

Havia, por outro lado, a Rádio Tanzania. O Coronel Moiane disse-nos que os microfones desta estação emissora ficavam diariamente, durante 40 minutos, à disposição dos combatentes moçambicanos. Aqui chamam-se os comunicados da FRELIMO destinados ao exterior, embora não fossem menos importantes os programas virados para o plano interno.

Assim terá caminhado a Imprensa da FRELIMO até 1966: — Portanto — conta o nosso entrevistado — não havia nenhum órgão de informação dos combatentes, enquanto soldados, antes do início da Luta Armada. Mas foi em 1964 que manifestámos ao Camarada

Samora Machel, na altura Chefe do Centro de Kongwa, na Tanzânia, o nosso desejo de ter um jornal dedicado aos guerrilheiros.

Dois anos depois, quando havia sido já criado o Centro de Nachingweia, os entusiastas de jornalismo foram autorizados a criar a revista pelo Presidente Eduardo Mondlane. Dois objectivos orientavam a nova publicação, nomeadamente informar e formar.

Dinis Moiane foi indicado para Director da revista.

Como Chefe da Redacção ficou o Major-General Cândido Mondlane, que tinha como Subchefe o Major Mário Sive. O actual Embaixador Extraordinário, Plenipotenciário e Itinerante, Armando Pangue, foi indicado para o cargo de Chefe da Reportagem, entre outros repórteres.

Segundo ele, a publicação atingiu, em pouco tempo, um nível tão alto que se podia comparar ao boletim «Voz da Revolução».

A INFORMAÇÃO E A JUVENTUDE

Mas esse nível decresceu durante uma fase da revista, caracterizada, segundo o seu primeiro Director, pelo uso excessivo de termos bombásticos e difíceis, recorda o Coronel Moiane, emprestando à nossa conversa alguns momentos divertidos: Em vez de dizermos «morrer», por exemplo, escrevíamos «perecer», e por aí fora. Claro que as pessoas, os nossos leitores, começaram a reclamar. Tivemos que descobrir uma saída.

Antes descobrimos a origem do problema. Acontece que em Nachingweia havia só jovens, que provinham de seminários ou tinham sido professores. O mais velho ali, na altura, tinha apenas 30 anos, segundo o nosso entrevistado.

— É natural que todos nós quiséssemos mostrar que sabíamos escrever. Como jovens, isso até divertia-nos. Mas acabámos por compreender que o importante era expressar claramente a ideia e não o Português — explica ele.

A partir daí, todos os outros quadros e soldados sentiram-se mais motivados para escrever. Estava ultrapassado o problema da elite jornalística, e a «25 de Setembro» passou de quinzenal para mensal.

— O que é que publicávamos? Um pouco de tudo — explica o Coronel. — Fazíamos entrevistas aos dirigentes, mas também não falávamos só da guerra. Não po-

díamos formar ideologicamente as pessoas falando-lhes apenas da guerra. Lembro-me que escreviamos sobre as danças timbila, mapiko, e outras expressões culturais do nosso País. Procurávamos estar actualizados, o que conseguíamos através do trabalho dos nossos correspondentes em todas as províncias em luta.

O «desmascaramento» dos jovens «eruditos» em Nachingweia constituiu um marco particularmente interessante na história da Imprensa durante a Luta Armada, a deduzir pelo surgimento recorde, a partir de então, de vários outros órgãos de informação em diferentes sectores de actividade.

O Coronel Moiane citou o caso do boletim «Rasgando as Trevas», editado pela Educação, bem como outras publicações: Os Heróicos e 3 de Fevereiro, ambas das FPLM. Ele desempenhou as funções de Director da revista durante um ano. Depois foi indicado para Chefe do Centro de Nachingweia, em substituição de Samora Machel, que assumira a chefia do DD, em consequência da morte de Filipe Samuel Magaia.

TRAJECTÓRIA

O Coronel Dinis André Moiane completa agora 25 anos na FRELIMO. Integrou o 3.º grupo de guerrilheiros enviados aos treinos na Argélia, tendo, após o seu regresso em 1964 (com curso geral de guerrilha e de transmissões), pas-



Coronel Dinis André Moiane

sado a maior parte do tempo como instrutor político em Nachingweia. Foi também instrutor de tática e política.

Esteve em Cabo Delgado, mais



O contacto permanente com o povo fazia das zonas libertadas fonte inesgotável da actividade dos combatentes, e a informação não era excepção

AVISO À POPULAÇÃO

O inimigo atravessa o Rio Zambeze para fugir da presença da Tropa e também para fazer milando com outras populações.

A Tropa tem que defender as populações desses bandidos. Mas a Tropa quando vê gente no rio não sabe se é gente da população, se é bandido.



A população não deve atravessar o rio. A população não deve andar junto com bandido.

Tropa vai matar bandido que atravessar o Rio Zambeze.

Tropa vai deitar fogo a todos os barcos.

Não atravessem o rio. Foge dos bandidos.

SE NÃO, MORRERÁS.

Contra a propaganda do inimigo (gravura), a Imprensa da FRELIMO desempenhou papel preponderante e indispensável em todo o processo da luta armada

concretamente no Destacamento de Nampula, entre 1970 e 1972; e aí passou 30 dias sem tomar banho, e a enfrentar com os outros combatentes, um a três combates por dia: o inimigo estava a construir uma estrada no 2.º sector, zona em que operávamos, esclarece.

— Quais eram os momentos mais difíceis para um combatente? — perguntámos ao Coronel.

— Bem, para mim, há duas fases. Em Cabo Delgado os combates eram renhidos, mas havia a população que alimentava os guerrilheiros. Por outro lado, o inimigo às vezes não era forte, mas tinha a população nos aldeamentos, nos quais inventava e aguçava rivalidades entre macondes e macuas.

— Em Tete — prosseguiu ele —

o inimigo era forte. Não sei quantos batalhões independentes havia. Por exemplo, no dia em que o inimigo fez passar as turbinas para Cahora Bassa, tinha 11 viaturas à frente e outras tantas atrás, com soldados bem armados, dois bombardeiros e dois helicópteros no ar. O inimigo tinha ali interesses económicos. E depois há o problema da falta de água e o mato não é grosso naquela província.

Existem dois aspectos da Luta Armada que o Coronel Moiane admira particularmente: os chineses e o trabalho de formação político-ideológica. Quanto aos primeiros, o nosso entrevistado é da opinião de que foram eles que fomentaram na FRELIMO a importância da simplicidade, da necessidade de saber escutar o que o povo quer.

Em relação ao trabalho de formação política, ele lembra-se que um dos resultados era: Embora não tivéssemos muita inspecção médica, a verdade é que não tínhamos muitos doentes.

Sobre a Unidade Nacional, o Coronel Moiane considera que o racismo, o regionalismo e o tribalismo foram enterrados em Nachingweia, debaixo das botas dos guerrilheiros. Mas, alerta, os combatentes da liberdade constituem uma camada especial dentro da República Popular de Moçambique. E o resto dos moçambicanos?

Em jeito de resposta, ele conclui com a mesma firmeza e liberdade de expressão: Não nos foi possível passar a experiência de Nachingweia às outras gerações jovens. Ao antigo combatente não foi dada a oportunidade para tal. Não foi colocado o antigo combatente como professor de política na Escola Josina Machel, na Universidade Eduardo Mondlane, na Escola Agrária de Chókwè. É aqui onde está a juventude.

O nosso entrevistado tem a esperança de que, com a criação de uma Associação para os Antigos Combatentes, estes receberão uma nova tarefa.